

PANORAMA ECONÔMICO



Miriam Leitão

paneco@oglobo.com.br

Brigas inúteis

O presidente George Bush vai ter apenas três reuniões bilaterais em Monterrey. Uma delas será com o presidente Lula. "Bush gosta de Lula", diz um diplomata americano. "Os dois têm boa química", confirma um diplomata brasileiro. Ao mesmo tempo, muitas horas foram gastas nos últimos dias em escaramuças inúteis como a oposição intransigente do Brasil à inclusão da palavra "Alca" no comunicado conjunto.

Enquanto o diálogo presidencial é fluído e construtivo, os outros escalões criam barreiras incompreensíveis. Os americanos se queixam de que há cada vez menos ponto de contato entre os dois países em qualquer negociação, em qualquer foro.

O Brasil não quis que o encontro dos 34 países no México fosse considerado uma etapa da negociação da Alca. O primeiro dos quatro encontros de Cúpula foi em Miami em 94 para lançar as negociações comerciais. Desta vez, o encontro foi pedido pelo Canadá para discutir política social e desenvolvimento, portanto o Brasil teve respaldo para querer que não fosse um encontro da Alca, mas isso é diferente de banir a palavra.

— Os americanos queriam incluir uma referência ao fato de que os presidentes manifestaram satisfação com a evolução das negociações da Alca e o Brasil não aceita nem isso. E nesse ponto se perderam horas de discussão nos últimos dias — disse um diplomata.

É preciso ter uma abstração patológica para desconhecer, em qualquer documento dos 34 países da região, que há uma negociação em curso sobre a criação de uma área de livre comércio.

Há exemplos de atitudes brasileiras que parecem picuinha. Uma delas é o que vimos nos últimos dias no tratamento dos turistas americanos. Por maior que seja a irritação pessoal de cada brasileiro que foi aos Estados Unidos, é preciso ter um mínimo de racionalidade nesta questão: o Brasil não é um país ameaçado pelo terrorismo; o Brasil não tem o que fazer com o monte de impressões digitais e fotos que colhe; o efetivo da Polícia Federal é pequeno, tem mais o que fazer do que um fichamento inútil de turistas; a política migratória do Brasil é uma prerrogativa do Executivo e não dos juízes federais. A hesitante Advocacia Geral da União deveria ter recorrido no primeiro

momento.

O governo acha que o assunto não pode ser olhado apenas pelo lado das receitas turísticas que gera, nem apenas pela ótica comercial. Aborrecer turistas então seria o quê? Trincheira de reafirmação da nacionalidade? A comparação de Luiz Garcia com a "capivara que ruge" e o editorial deste jornal "Patriotada infantil" já disseram tudo sobre este erro. Portanto, vamos olhar pela ótica das receitas turísticas.

— **Turismo é como se fosse uma atividade de exportação-importação. Quando o brasileiro viaja, leva dinheiro para fora; quando estrangeiros nos visitam, trazem divisas — explica com lógica cristalina o especialista em turismo Mário Petrocchi. Pelos dados que enviou para esta coluna, vem dos Estados Unidos o segundo maior fluxo de turistas para o Brasil: 500 mil pessoas por ano.** Nos últimos anos, houve queda no número de turistas. Recebemos 5,2 milhões em 2000 e 3,8 milhões em 2002. O ministro turista Walfrido dos Mares Guia, que permanece de férias segundo sua assessoria, deveria estar olhando esses números. Uma dúvida: por que um ministro tira férias quando se enfrenta a maior crise na área?

Este assunto não está sendo tratado com a racionalidade exigida. Foi contaminado pela mesma doença infantil que atinge a nossa política externa. Qualquer crítica que se faça ao presidente da Venezuela, Hugo Chávez, o assessor internacional Marco Aurélio Garcia pula em defesa do amigo. Lula tem cada vez menos a ver com Chávez. Enquanto no Brasil se discute a possibilidade de autonomia do Banco Central, Hugo Chávez cercou com suas milícias populares o Banco Central da Venezuela e ameaçou "tomá-lo". A Assembléia Nacional, que ele controla, mandou o BC atender a vontade do presidente. O que Chávez quer é uma heresia em política monetária: usar as reservas cambiais para atividades de fomento.

Na diplomacia, há boas brigas e brigas infantis. O Brasil está gastando mais tempo com o segundo grupo. O bom combate é a luta por mais espaço para as exportações brasileiras, regras mais justas de comércio, suspensão de barreiras que sabotam nossas potencialidades. A briga infantil é gastar dias impedindo uma menção à Alca no texto do comunicado conjunto. O bom combate é a luta nos foros internacionais pelo respeito à estrutura institucional mundial que foi desrespeitada pelo presidente Bush no Iraque. A briga infantil é, na Síria, fazer críticas ao presidente americano. O Departamento de Estado considerou que, se Lula falasse o mesmo no Brasil, estaria correto; lá foi entendido como provocação. O bom combate é costurar um comércio cada vez mais intenso na América Latina. Para se ter uma idéia, graças a um acordo comercial assinado no governo passado, o Brasil tem um comércio de US\$ 3 bilhões com o México, e desses, US\$ 2,2 bilhões são superávit brasileiro, 10% do saldo que o Brasil conseguiu ano passado. A briga infantil é assumir como nossas as brigas venezuelanas e cubanas com os Estados Unidos. O bom combate é o presidente ir para Monterrey, aproveitar a chance e firmar posições. Haverá três áreas de discussões e, para cada uma delas, foi escolhido um orador principal. Lula fará o discurso central no debate sobre Desenvolvimento Social. Hora de influir nas escolhas da região no tema mais importante da década.